

RITO E *RELIGIO* - DO EPIFÂNICO A SINCRONICIDADE:  
INDIVIDUALIDADES DESBUSSULADAS NA BUSCA DA  
INTEGRAÇÃO DO INDIVIDUAL/  
COLETIVO PELA VIA DA INDIVIDUAÇÃO

Leandro Alves da Silva<sup>1</sup>

RESUMO

Esse artigo tenciona investigar o processo de desenvolvimento da personalidade e da subjetividade por meio de personagens literárias Matôzo e Heliseu dos respectivos livros *A Suavidade do Vento* (1991) e *O Professor* (2014) do escritor curitibano Cristovão Tezza. Dessa forma, consideraremos os fatores individuais e coletivos como condições vitais para compreensão e reflexão de tal processo. De modo que partimos dessa perspectiva teórica para analisar a jornada das personagens pelo viés teórico da Psicologia Analítica e da Ciência das Religiões, no que toque aos conceitos de *rito*, *religio* e *sincronicidade*, elucidando elementos da narrativa pessoal e literária que estão contidas no *caminho da individuação* criado por Carl Gustav Jung (2009). Dessa forma que apresentamos o qual complexo e único o processo de desenvolvimento da personalidade pode ser, e que algumas categorias coletivas ou generalistas não são suficientes para direcionar ou guiar subjetividades ao longo do seu processo de amadurecimento.

Palavras-chave: Ciência das religiões. Filosofia. Autoconhecimento.

RITE AND RELIGIOUS - FROM THE EPIPHANIC TO THE  
SYNCHRONICITY: INDIVIDUALITIES DESBUSSULATED IN  
SEARCH OF THE INTEGRATION OF THE INDIVIDUAL /  
COLLECTIVE BY THE VIA OF THE INDIVIDUATION

ABSTRACT

This research aims investigate the process of personality and the concept of subjectivity through the literary characters Matôzo and Heliseu from the perspective books *A Suavidade do Vento* (1991)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás

and *O Professor* (2014) of the writer from Curitiba, Brazil. In this way, we will consider individual and the collective factors as a vital condition for understanding and reflecting about this process. In that we started from this theoretical perspective to analyze the characters journey by the theoretical bias of Analytical Psychology and the Science of Religions, in what touches the concepts of rite, *religio* and synchronicity, elucidating elements of personal and literary narrative that are contained in the concept of path of individuation created by Carl Gustav Jung (2009a). In this way we present what is complex and unique about the process of personality development can be, and some collective or general categories are not enough to direct or guide subjectivities throughout their maturation process.

**Key words:** Science of religions. Philosophy. Self-knowledge.

## INTRODUÇÃO

Se uma meta ou caminho é posto para atingir as massas como uma forma de lhes garantir sucesso e felicidade, entende-se que o ser humano entre si possui bastantes semelhanças quanto à busca pela satisfação de seus anseios. O que por excelência configura-se uma expressão da coletividade, condicionando a produção de padrões estabelecidos. Entendemos que a ausência de autoconsciência no processo de escolhas e desenvolvimento individual gera nas subjetividades o sentimento de dissolução por serem tragados por acordos coletivos que os oprimem na esfera individual e coletiva. Dessa forma, como lidar com o dilema dos aspectos da vivência individual e coletiva?

Em diversas obras, como a Bíblia, Alcorão, Vedas, Book of Thomas the Contender, e que são basilares para determinadas culturas, há a premissa de que para os indivíduos encontrarem uma plenitude, que simboliza a vivência da felicidade, é irrevogável que se autoconheçam. Porque de acordo com essas obras: quem não conhece a si mesmo, pouco terá conhecido do mundo. E aqueles que obtiveram conhecimento de suas próprias profundezas, terá então conhe-

cido o interior de muitas coisas. De forma que, poderiam se tornar mais capazes (conscientes) de avaliarem sua realidade e, assim, poderem perceber o que realmente podem lhes satisfazer ou não, tornando-se sujeitos catalizadores e conscientes de mudanças.

## DA FILOSOFIA À ALQUIMIA: AUTOCONHECIMENTO E SEUS MECANISMOS

Em se tratando de livros e escritos que compuseram o ideário de muitas culturas, considera-se notável o trabalho que os alquimistas fizeram no desenvolvimento do manuseio das matérias. A alquimia ficou bastante conhecida no Ocidente por ter se difundido na Idade Média. Entretanto, os alquimistas dessa época, entre o século V e o século XV, não foram os primeiros a inventarem a roda. Anteriormente, a cultura chinesa com a filosofia taoísta se desenvolvia através da *alquimia interna* a qual propunha que nosso organismo interno e externo (anatomia física) constituía uma paisagem capaz de ser cultivada e cuidada para propiciar melhoria e desenvolvimento da saúde, como também auxiliava no autoconhecimento e na percepção do mundo. O que parece plausível,

se considerando a atual situação das sociedades que atrelam ao desenvolvimento cultural-tecnológico-social a práticas que não corroboram para uma boa qualidade de saúde física, mental e social.

Já o trabalho e estudo dos alquimistas ocidentais exerceram um sugestivo efeito sobre a percepção no campo da história da Química. Eles definiram a *Opus magna* como a *grande obra* para o trabalho que faziam e que tem como objetivo a produção da pedra filosofal que poderia transformar qualquer objeto em ouro, transmutar qualquer animal e ser a fonte de um elixir que garantiria a vida eterna. Jung (1972) utiliza essa denominação alquimista para metaforizar o que ele chama de um dos trabalhos mais árduos que o ser humano pode se dispor a fazer: realizar a si mesmo, se individualizar.

Jung (1972) aborda a individuação como um processo de autorrealização e um possível encontro de uma plenitude nas experiências. Sobre o que ele diz a respeito de plenitude, não se deve entender como o alcance pleno da felicidade, mas sim como a experiência de contentamento diante da realidade que cada indivíduo se encontra. Esse contentamento é possível ao passo que os indivíduos tornam-se mais conscientes de si mesmos. Através do processo de individuação o indivíduo trilha um caminho para alcançar a maturidade psicológica, o autoconhecimento. Jung afirma que o ser individualizado está longe de ser perfeito, ele se torna na verdade um ser desenvolvido em suas possibilidades individuais enquanto sujeito.

Na contemporaneidade vivemos a unilateralidade do pensamento racional e para Jung (2009) o ser humano possui um sistema dinâmico e constantemente em movimento, a *psique*, composta pela consciência e pelo inconsciente, que configura num dos fatores

comprovativos da multiplicidade humana. O cientificismo racionalista se guia principalmente por aquilo que a nossa consciência e o ego são capazes de compreender. E dessa forma, desconsidera o conhecimento provindo da *intuição* – função psicológica que Jung (1991) denominou como a percepção advinda dos processos do inconsciente. A partir disso, pode-se entender o descrédito que algumas áreas profissionais recebem pelo seu trabalho não ser “objetivo” ou “sólido”, como as ciências humanas que dinamizam e arquitetam conhecimento. Um material de trabalho considerado imaterial ou abstrato, ainda que possível a comprovação de sua efetividade na vida de todos.

Isto é, para esse resistente embate entre áreas, porque não considerar a discussão entre teóricos da narrativa histórica e da narrativa literária? Estudiosos da historiografia defendem que a narrativa literária dificilmente poderia ser considerada como historiografia, uma vez que, ela quando não é narrativa “ficcional”, está mais próxima de uma documentação de histórias subjetivas, portanto, não historiográficas. Entretanto, como construir uma historiografia “objetiva” sem a colaboração do subjetivo? O coletivo não se constitui só e exclusivamente. Por conseguinte, pretende-se aqui considerar a literatura como representação da realidade e como ferramenta de arte para o auxílio dos sujeitos.

#### INDIVIDUAÇÃO E SINCRONICIDADE: O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

Tendo conhecimento do que é individuação e como é inconsistente o desenvolvimento da relação da sociedade com ele, analisa-se o percurso que as duas personagens principais

dos romances *A Suavidade do Vento* (1994) e *O professor* (2014) do curitibano Cristovão Tezza perfazem nas narrativas por busca de sentido e percepção em suas vidas. Para então, entender-se o processo de individuação de cada uma e também compreender como isso pode abrir novas possibilidades para o cenário pós-moderno sobre os olhares que os indivíduos têm sobre si mesmos.

As personagens principais, Matôzo de *A Suavidade do Vento*, e Heliseu, de *O Professor*, de Cristovão Tezza costumam experienciar epifanias em seus desenvolvimentos nas narrativas. E através das vivências epifânicas de cada um deles, poderemos adentrar na análise de seus processos de individuação. É importante entender que o termo epifania é emprestado pela religião à literatura e tem como significado *revelação* ou *manifestação*.

No caso, a revelação é a transmissão de um conteúdo ou informação que antes estaria inconsciente para a personagem, ou seja, uma informação que não podia ser compreendida/percebida até algum determinado momento. Já entendida como “manifestação”, a epifania simboliza a presença de Deus na Terra. Como exemplo desse significado de epifania, tem-se o sentimento que os Três Reis Magos tiveram ao presenciar o nascimento de Jesus. Aquele quem a história da Bíblia configurou como um mediador entre Deus e seus semelhantes na Terra. Inúmeras análises e estudos são feitos sobre a relevância da epifania na literatura e boa parte deles a considera como um processo ligado a fatores e resoluções transcendentais, conectados a algo obscuro e abstrato. Pode-se entender essa assimilação por esse conceito estar ligado à religião.

Carl Gustav Jung foi um dos pesquisadores da psicologia moderna que se arriscaram a sopesar

em seus estudos o efeito das religiões e de culturas antigas nos processos psicológicos. Isso como forma de tornar menos obscuros conhecimentos que se destacaram em algum momento que a ciência estava em um estágio inicial e por isso são declarados como ultrapassados.

Ao se considerar que a psicologia e a antropologia foram consideradas ciências em épocas similares, mais precisamente no final do século XIX, pode-se entender mais a fundo o risco que C. G. Jung tomou em seus estudos. Além de ambas serem ciências consideradas jovens em comparação com outras, como a Matemática, essas se debruçam para fornecer informações sobre a maneira como os sujeitos interagem entre si e de que modo os fatores longínquos como os primórdios culturais influenciam ainda a contemporaneidade. Isto é, Jung aproximou duas áreas teóricas aparentemente opostas na visão do século XX, visto que ponderar sobre as religiões em estudos ocasionou ainda mais um estranhamento acadêmico sobre seus estudos presente até então em algumas universidades brasileiras.

Assim, mostra-se aqui oportuno o manuseio do conceito de *epifania* conectado ao estudo da psicologia como forma de proporcionar uma análise menos abstrata e transcendental. A epifania é o momento em que a personagem tem uma experiência de descortinamento dos eventos que a envolve e pode ser entendida como uma revelação interior do que realmente represente o cotidiano para o indivíduo. É evidente que em um exato momento da narrativa a personagem se dá conta de fatos antes obscuros ou difíceis de compreender sobre si mesma e sobre o contexto o qual faz parte. Logo, a epifania pode ser interpretada como aquele momento em que a personagem conecta sua experiência psicológica a algum evento ou informação externa. E essa conexão entre os fatos

não é desencadeada por algo em específico, ela ocorre de maneira despreziosa e não há algo que a preveja ou controle seu acontecimento.

O que importa para que ela aconteça sugere mais uma *sincronia* do conhecimento de mundo da personagem com um ou mais fatos aparentemente rotineiros. Estes fatos são considerados *aparentemente* rotineiros devido à despreziosidade de eles serem conectados às experiências subjetivas individuais. Portanto, um fato externo pode ser de grande auxílio em uma importante reflexão ou não. Isso depende do que toca, e como, determinado indivíduo.

Por exemplo, em *O Professor* Heliseu ao tomar seu café da manhã relembra algumas memórias durante a leitura do jornal. Dificilmente existe a possibilidade de correlacionar um evento a outro nessa situação, a não ser que ele esteja bem explícito: como em caso de informações bastante específicas (morte, nascimento, fome etc.) correlacionadas a informações similares em um contexto pessoal. Porém, enquanto lia o jornal, Heliseu se depara com a notícia sobre a renúncia do Papa Bento XVI e isso, indiretamente, desencadela algumas reflexões e memórias de sua vida.

Na escrita de Tezza (2014) nada indica de antemão que haverá uma correlação dos fatos, mas ainda assim ela acontece:

[...] Veja só, dona Diva, a renúncia do Papa. Cada coisa que acontece neste mundo. Pois bem, as coisas que eu disse. As coisas que eu disse ao meu filho naquela despedida medonhas que durou quase um mês de brigas soturnas, explodindo aqui e ali como granadas em família – ele só esperava mesmo a maioridade, que veio pela simples natureza do tempo, um dia depois do outro, e algum dinheiro para tomar seu rumo, e disso cuidaram Mônica e Úrsula.. (TEZZA, 2014, p.70)

Revolvendo sua memória através da notícia sobre a renúncia do Papa, a relação com sua empregada, quem em quase meio século de convívio nunca manteve uma conversa que não fosse além de decisões domésticas, Heliseu tange uma reflexão sobre o modo como se relacionou com sua esposa e filho. A partir disso, ele desemboca num dos grandes ressentimentos de sua vida: a relação com seu filho Dudu que mescla a não compreensão da homossexualidade de Dudu e o consequente afastamento: “Vejam, senhores, o mundo mudou completamente e muito rapidamente. Eu não poderia imaginar que o meu filho de ontem, continuando a ser exatamente a mesma pessoa, é outro filho hoje”. (TEZZA, 2014, p.70).

Então, Heliseu reage a tudo isso de maneira inesperada. Ele que não mantém contato há anos com o filho, resolve fazer uma ligação para Dudu. Mas, logo o desejo perde força, porém isso abre uma brecha para que Heliseu pense mais positivamente sobre o que está vivendo naquele momento, o recebimento da comenda na universidade e como isso poderia ser vivenciado por muitas outras pessoas, não somente como um ato de solenidade, mas como oportunidade de retribuição ao que todos fazem em vida e também para reverem/reavaliarem suas próprias jornadas:

Vou telefonar para ele! – e Heliseu levantou-se um segundo fulminante de lucidez, tudo claríssimo como água, e sentou-se em seguida, perdido o fio do pensamento. O que posso dizer? Que vou ser homenageado? Duda, você não acredita – vou receber a Medalha do Mérito Acadêmico! Vai ser uma cerimônia bonita. O Reitor vai dizer algumas palavras simpáticas, em seguida um colega (é segredo; não sei

quem é ainda) fará um discurso breve, um pequeno arrazoado justificando a honraria, e então eu terei a palavra para, em 30 minutos, passar a limpo a mim mesmo. Acho que todas as pessoas do mundo deveriam receber esta medalha, independentemente do que fizeram na vida, sejamos generosos, deveriam receber medalha só pela oportunidade de, numa rápida cerimônia de acerto de contas, um pré-juízo final, rever a vida em poucas palavras, aquela essência que sempre nos falta, o tiquinho de nada que, se a gente chegasse lá, tudo resolvia com tranquilidade (TEZZA, 2014, p.70 e 71, grifo nosso).

Na parte grifada desse trecho, é relevante perceber que estão presentes palavras que indiciam o sentimento epifânico: uma súbita obtenção de clareza. E nesse momento Heliseu também consegue concluir algo diferente sobre a relação com seu filho. Antes, ele costumava ser incompreensível e desinteressado sobre a vida de Dudu, porém após essa reflexão, ele ao menos consegue sentir um arrependimento mais consciente e menos insensível: “As coisas que eu disse ao meu filho: se eu pudesse apagá-las com uma escova de aço. Assim: roc roc roc roc, bem esfregadas as palavras, até desaparecerem da pele do mundo” (TEZZA, 2014, p.71).

Então, a renúncia do Papa o faz pensar sobre como poderia ter feito diferente frente a todo esse contexto. Ou seja, a renúncia do Papa despreziosamente proporciona a Heliseu a reflexão sobre algo que ele antes não quis lidar, podendo ser por se tratar de uma imaturidade dele para compreender o que está acontecendo, mas que por estar ligada ao seu filho gerou espinhoso arrependimento.

Como um caso claro de epifania, Heliseu conecta um fato externo, a notícia do jornal, a um

fator interno, os erros que cometeu com seu filho. Concomitante a esse fato, vejamos o conceito que Carl Gustav Jung (1991) denominou de *sincronicidade*. Ele define como “[...] a simultaneidade de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos que aparecem como paralelos significativos de um estado subjetivo momentâneo e, em certas circunstâncias, também vice-versa” (JUNG, 1991, p.850) ou “um caso especial de organização acausal geral” (JUNG, 1991p.955). Em outras palavras, uma coincidência de um estado psíquico com um evento externo simultâneo que não parece ter conexão, mas que arrebatava a atenção do indivíduo para algo de importância subjetiva. Vê-se, então que a epifania se assemelha bastante ao conceito de sincronicidade.

Para isso o conceito de *sincronicidade* se torna relevante para uma releitura da *epifania*, uma vez que, ela indicia um momento importante quais os indivíduos inconscientemente se dão conta de algo até então acortinado, seja pela ausência de alguma experiência, subjetiva ou objetiva, ou pouca maturidade à cerca de algum assunto. E isso se configura como uma conexão que engloba informações coletivas e individuais.

Dessa forma o contexto contemporâneo é composto por sujeitos perpassados por uma complexidade cultural e social. Mas, que não possuem compreensão consciente disso e desse modo sofrem as consequências de se sentirem impelidos a embarcarem na realização de padrões coletivos, ignorando inconscientemente suas perspectivas individuais. Logo, a sincronia é aqui evidenciada como o intervalo, ainda que inconsciente, do englobar ou conectar os conteúdos que dissociados não possibilitam autocompreensão e entendimento do contexto os quais as subjetividades estão inseridas. Portanto, aproximasse de um caminho do meio para os sujeitos refletirem mais a fundo.

Uma vez compreendido que a sincronicidade não é uma experiência que pode ser despertada intencionalmente, Jung (1991) afirma que as culturas ancestrais, em destaque as orientais, inconscientemente criaram meios que proporcionavam o contato com um saber mais profundo e abstrato. Saber semelhante a uma sabedoria comumente vivenciada por meio da epifania e da sincronicidade. Considerando a análise feita das narrativas em análise, conclui-se que Heliseu, por também ser um homem que está atravessando sua velhice, possui considerável experiência e sabedoria do que Matôzo. Esse fato se mostra importante considerando que os temas centrais aqui envolvem desenvolvimento da personalidade, autoconhecimento e individuação.

Para lidar com seus dilemas, Heliseu utiliza suas memórias mais íntimas, o que viu, ouviu e apreendeu dos seus anos de vida profissional galgada com força de vontade e de uma vida afetivo-coletiva conturbada pela incompreensão de si mesmo. Entretanto, Matôzo faz parte de um contexto ainda mais delicado. Ele está repleto de desejos a satisfazer e não dispõe de (ou não enxerga) ferramentas que o auxiliem de maneira menos melindrosa até aos seus anseios. Assim, de antemão, está subentendido que Matôzo terá de se arriscar ainda mais para compreender a realidade a qual está inserido e quais ferramentas tem ou pode construir para auxiliá-lo em sua realização pessoal e profissional. Ainda mais se tratando de um homem jovem, aparentemente pouco experiente, tímido e com dificuldades de se abrir para o mundo.

Em vista disso, na narrativa de Matôzo ele procura inconscientemente por formas de lidar com seus dilemas e não coincidentemente se aproxima de rituais no cotidiano que parecem

lhe dar alguma consistência na realidade, que se apresenta bastante confusa de lidar e, por isso, resistente aos desejos dele. Rituais os quais envolvem sua relação de vício com o álcool, a escrita de um romance e o credo falsamente despretensioso no livro taoísta *I Ching – O livro das mutações*<sup>2</sup>.

Devidos os dois primeiros desses três fatores citados anteriormente já terem sido analisados antes (a escrita do romance como auxílio de coexistência de Matôzo e o que a bebida representa e significa), aqui serão focados os momentos que ele consulta o livro de filosofia chinesa por busca de sentido. Ainda que a escolha por esse livro possa parecer de um interesse descompromissado. Pois que, em se tratando de individuação e sincronicidade, a escolha independente da motivação pode sugerir outra significação.

Embora, o personagem tenha ao seu dispor um livro de sabedoria milenar, sua leitura de mundo pode interferir como um fator contributivo ou não na utilização dessa ferramenta. Já que se considerando estratégias para busca de sentido e compreensão de mundo, é inviável duvidar que nas vias dessa busca o olhar individual não seja contributivo. Pois, um fato ou uma experiência pode ou não se tornar um agente de tomada de decisão e/ou possibilidade de compreensão. Dessa forma, esses rituais proporcionam estabilidade, entretanto se o indivíduo não estiver receptivo para compreender o que lhe acontece, o ritual pode não ser eficaz como ferramenta desse

<sup>2</sup> Utilizado como oráculo desde a mais remota antiguidade, sendo seu aparecimento datado com mais de três mil anos, o *I Ching* é considerado o mais antigo livro chinês e um dos mais antigos do mundo. É também o mais moderno, pela notável influência que vem exercendo, de uns anos pra cá, na ciência, na psicologia e na literatura do Ocidente. Devido não só ao fato de sua filosofia coincidir, de maneira assombrosa, com as concepções mais atuais do mundo, como também por sua função como instrumento na exploração do inconsciente individual e coletivo.

processo. E, para Matôzo, as consultas ao I Ching parecem desestabilizar suas estratégias ao invés de contribuir.

Para se compreender efetivamente como os rituais funcionam na arquitetura de mecanismos para lidar com seus dilemas, é fundamental saber mais a fundo a relação entre os rituais e o autoconhecimento. Os rituais são relacionados, em maioria, como característica de religiões pagãs e dissociados da atual realidade pós-moderna e, conseqüentemente, do cotidiano dos indivíduos. Por isso os rituais costumam ser relacionados a fatores religiosos e filosóficos. Tendo-se a compreensão da etimologia da palavra religião, pode-se apreender como ela se configura em uma ferramenta que auxilia o autoconhecimento por gerações. A palavra religião, por mais controversa que seja sua origem etimológica, deriva de dois termos: um termo é originado do termo da cultura cristã *religare* e o outro termo deriva *relegere* da cultura pagã.

De acordo com Cícero, *religare* é a relação de zelo e respeito com os ritos que estabelecem conexão com os deuses, enquanto o *relegere* é o ato que torna um indivíduo “religioso”, como a atitude reflexiva através do texto religioso, recolhendo-se com os possíveis sentidos tirados dele, para posteriormente rever alguma atitude já tomada (AZEVEDO, 2010, p.2). Valendo lembrar que essa relação com os ritos e a reflexão “religiosa” está situada na Roma antiga, local da fala histórico-pessoal de Cícero e por isso envolve a crença no politeísmo. Os termos aparentemente se diferenciam, porém possuem uma relação transversal. Enquanto, um está ligado aos ritos e ao respeito com uma conexão com o divino, o outro se conecta a disposição para uma reflexão profunda necessária num

indivíduo que almeja se relacionar com o divino por meio do acesso/percepção do que seja essencial aos olhos dos deuses romanos.

A partir daí pode-se entender a relação e distanciamento que existem entre os termos porque com o surgimento do cristianismo como religião única e verdadeira o termo *religare* perdeu força por estar estritamente ligado aos cultos pagãos. À medida que o termo *relegere* se propagou devido essa atitude reflexiva ter proporcionado abertura para o deus cristão que se opunha a uma cultura religiosa politeísta. Dessa forma, surge dois fatores importantes que influencia(ram) o significado do que seja religião no Ocidente e na cultura cristã. O primeiro é essa distinção entre os dois termos e a outra é o fato de ambas derivarem de outra palavra latina, *religio*, que é a relação religiosa mais comum e antiga em Roma. Sem contar que *religio* teve seu uso retomado com o estabelecimento do cristianismo como a *verdadeira* religião, ainda que o conceito expresse um conceito muito antigo de relação com que é considerado *divino* (JUNG, 1991, p.3 e 4).

Essa bivalência existente na história etimológica de *religio* remonta a discussão sobre filosofia e religião. Tertuliano demarcou a fronteira existente entre o que sejam consideradas religião e filosofia, defendendo que o cristianismo trazia a verdade por abandonar o universo abstrato existente nas religiões pagãs: a fé em inúmeros deuses e ritos que não poderiam ter nexos com a nova realidade do mundo que começara a se tornar mais questionadora e cética. Um exemplo dessa nova realidade, trazida com a filosofia, era a busca dos indivíduos pela “verdadeira forma de deus” (JUNG, 1991, p.4).

O conselheiro do imperador Constantino I, Lucio Célio Firmiano Lactâncio sustenta,



entretanto, que a religião e a filosofia podem se tornar *verdadeiras* caso auxiliem uma à outra. Uma vez que, primeiramente a relação com o abstrato sem o auxílio da filosofia poderia nublar a visão dos indivíduos sobre a moral e a relação com o outro por objetivar os ritos exteriores, do mesmo modo que a filosofia desauxiliada da religião objetiva a *verdade* de forma a não lançar mão da piedade ainda que preze a sabedoria. Portanto, Lactância acredita que o cristianismo seja a solução por se configurar numa sabedoria (filosofia) para os pensadores e na religião para os ignorantes (JUNG, 1991, p.4).

Dessa forma, concordando com a sustentação de Lactância, o filósofo Jacques Derrida aposta em ambas as etimologias porque ainda que aparentemente possam ser antônimas uma da outra, através dessa história etimológica, elas podem ser compreendidas como complementares e seus significados canalizados em apenas um conceito, o *religio* (JUNG, 1991, p.6). Em vista disso, a relação que os indivíduos constroem na contemporaneidade com o invisível, com aquilo que não podem explicar racionalmente, mas que percebem ser um fator considerável em suas experiências se transforma em uma nova relação. Percebe-se isso nos rituais, vistos no contexto que o *religare* está envolvido, que se reconfiguraram de maneira plástica e flexível para dar conta do panorama múltiplo e líquido em que o contemporâneo se encontra.

Essa reconfiguração fornece aos rituais um caráter informal e os distancia daquele sentido dos rituais antigos que eram caracterizados pela formalidade e uma estreita ligação com o coletivo como forma de organizar e estruturar a narrativa pessoal dos indivíduos de maneira pública. Entretanto, para as subjetividades pós-modernas o ritual pode estar presentes

em comportamentos e atos tanto coletivos como pessoais, repetidos diariamente e que constroem sentido estruturante em suas estratégias de vivência. Dessa forma, Matôzo ritualiza inconscientemente esses seus hábitos na tentativa de sobreviver a sua enorme insatisfação com sua própria vida.

Ademais, retomando a relação de Matôzo com o *I Ching – Os livros das mutações* vê-se que o primeiro contato mostrado na obra entre ambos aparece para a personagem um símbolo que possui o nome o qual Matôzo parafraseando-o se apropria para nomear o romance que acabara de terminar. O símbolo se chama *A Suavidade (O PENETRANTE, VENTO)* e assim o personagem intitula seu romance de *A suavidade do vento*. Contudo, para se compreender como o ritual com o *I Ching* funciona e o que ele pode proporcionar a análise, tem-se em vista a necessidade de apresentá-lo e explicá-lo.

Não há evidências concretas do surgimento do *Livro das Mutações* devido a sua existência ser datada no período anterior à dinastia Chou (1150-249 a.C.) na China e por ser de tal maneira antigo é considerado um livro basilar da cultura chinesa e sua filosofia e símbolo permeiam o imaginário oriental até a atualidade. Nele estão 64 símbolos em formatos de hexagramas, que como o próprio nome diz são formados por 6 linhas sobrepostas umas às outras. (WILHELM, 1956, p. XII).

Esses símbolos representam o âmago do que há de mais antigo e essencial na cultura chinesa: o eterno movimento de mudança do mundo e dos indivíduos, presente em suas essências. O sinólogo alemão Richard Wilhelm<sup>3</sup>,

<sup>3</sup> Richard Wilhelm nasceu em 1873, na cidade Tübingen, na Alemanha e morreu em Março de 1930, em Stuttgart, na Alemanha. Estudioso dos símbolos e da teologia, Wilhelm é bastante famoso pelas traduções que fez dos antigos tratados filosóficos da China para a língua alemã. Dentre essas traduções as mais famosas são *I Ching – O livro das*

e também tradutor da obra do chinês para o alemão, definia essa característica como “*fácil e simples*” por se tratar de uma estrutura básica na recorrência de eventos, percebidas pelos sábios antigos que através dela escreveram o antigo livro. Wilhelm também diz que:

No fundo da complexidade aparente do universo, aproximadamente, jaz oculta uma “*fácil simplicidade*”. Ela consiste nas tendências opostas e complementares em que sempre oscila a mutação. Atividade e repouso, movimento e inércia, ascensão e declínio são os eternos e mesmo caminhos que sempre o irrepitível percorre. Muda constantemente a natureza, porém sempre ao longo das mesmas estações. Nunca as mesmas flores, mas sempre a primavera. Os fenômenos são incontáveis e distintos uns dos outros, porém regidos, em suas tendências de mudança, pelos mesmos e constantes princípios. Apreendendo-os, descobre-se o simples por detrás do complexo, o que implica também no fácil, que é a trajetória e o percurso de tudo o que acompanha o ciclo em vigência (WILHELM, 1956, p. XII).

Aqui então, pode-se perceber que palavras e ideias chaves similares à *contemplação*, *compreensão dos opostos* e *sabedoria* estão presentes nesse fragmento, expressando o que há de singular na cultura oriental. Como também, Wilhelm conta que o *I Ching* possui uma sabedoria milenar detentora da contemplação de um povo antigo que apreendeu de forma estruturada com as ações e reações, conseguindo compreender os acontecimentos no mundo. Sejam na natureza ou no humano, uma vez que

esses dois não eram dissociados na época da consolidação da obra.

Com a tradução do chinês para o alemão, o *I Ching* foi facilmente difundido pelo mundo inteiro. Mas, anteriormente sua distribuição se deu pelo fato do Budismo ter se desenvolvido da China para todo Oriente, uma vez que o livro foi, e ainda é usado em cerimônias em templos budistas como um ritual de consulta oracular a uma sabedoria antiga para buscar sentido e compreensão em futuras tomadas de decisões.

Logo, o *I Ching* é uma obra séria para a cultura Oriental por deter um conhecimento milenar de muitas culturas orientais, podendo ser comparada a livros como a Bíblia e o Alcorão. O diferencial é a relação de proximidade e utilidade prática no cotidiano que o ritual de consulta oferece a ele na estruturação das subjetividades até atualmente. E conectando aos significados que o conceito *religio* carrega sobre filosofia (sabedoria) e religião (rituais) para o Cristianismo, o *I Ching* oferece um aporte mais abrangente. O que no contexto de Matôzo reforça o rasteiro trato com o livro e o modo equivocadamente com que ele lida com os resultados das consultas. Devido o personagem estar inserido na cultura Ocidental que comumente banaliza a importância dos rituais e não ter conhecimento de como o *I Ching* é realmente utilizado.

Ele analisa o texto de forma egoíca, enxergando apenas o que lhe parece positivo ou benéfico. E parece não querer ou conseguir apreender os conselhos de uma sabedoria antiga:

Voltou à cadeira e não mais achou o ponto ótimo, nuvens de um lado a outro, em câmara lenta, monótonas. Súbito, arrancou o volume sebento do *I-Ching* debaixo de uma pilha de gramáticas e abriu ao acaso: Disse o

---

*mutações* e *O Segredo da Flor de Ouro*. Lembrando que essas duas obras foram publicadas com introduções do psicólogo suíço de seu grande amigo Carl Jung.

Oráculo: 57 SUN/A SUABIDADE (O PENETRANTE, VENTO). Pulou linhas. *Na natureza, é o vento que dispersa as nuvens acumuladas e deixa o céu claro e sereno. Adiante: A SUAVIDADE. Sucesso através do que é pequeno.* Outro copo, outro cigarro, um caminhar agoniado na jaula cheia de pequenos monstros. Antevendo o gozo secretíssimo, voltou ao Livro em olhares rápidos, temendo que alguma palavra avulsa, de mau jeito, desfizesse o encanto que se armava. *A SUAVIDADE significa curvar-se.* Adiante: *A SUAVIDADE permite avaliar as coisas e permanecer oculto.* Adiante: *O suave penetrar torna o caráter capaz de influenciar o mundo externo e de ganhar controle sobre ele. Pois desse modo se pode compreender as coisas em sua essência, sem precisar se pôr em evidência.*

Fechou abrupto o Livro, receando dispersar o instante único que vivia. Abriu sôfrego o manuscrito e escreveu: *A SUAVIDADE DO VENTO.* Agora sim, sorriu deliciosamente. Melhor: *sorria* deliciosamente enquanto punha mais gelo no copo e esvaziava a garrafa de Black & White, que desta vez foi para baixo da pia ao lado de dezenas de outras (TEZZA, 1991, p. 20).

Matôzo logo recebendo o resultado de um consulta desinteressada, apenas abriu o livro em uma página aleatória, se deslumbrou com o que ali lhe surgiu. Impressionado com o nome do Hexagrama mostrado pelo I Ching, o utiliza para nomear o romance que tinha acabado de terminar de escrever. Como também é tocado pelo que as palavras do texto lhe dizem. Todas aparentemente relacionadas a sucesso e bem-aventurança:

A raridade da sensação, da boa sensação, não era tanto pelo livro finalmente

completo, mas pela revelação do Oráculo, de espantosa simplicidade: *A suavidade do vento.* Eis J. Mattoso: a suavidade do vento. *Curvar-se para o suave penetrar.* Não era um livro: era um homem que se revelava. Sim, a força não estava nele; a força estava naquela cidade, naquele barro, naquele espaço físico, na brutalidade daqueles seres que atravancavam as ruas e a ele mesmo. Tudo era Monumental em volta dele. Ele, Matozo, não era nada. Aquele vilarejo de barro poderia acabar com ele numa só cuspada. Todos e qualquer um poderiam acabar com ele, do Diretor do Colégio ao dono do bar. (TEZZA, 1991, p. 20 e 21)

Ele então encara a explanação do Hexagrama como um aval de que tudo que tem feito (seu romance, a maneira como encara seus amigos e contemporâneos da cidade) pode ser destruído e exposto, assim aquilo que ele se esforça para esconder, suas angústias, impressões dos seus próximos e pensamentos pode ser revelado. Ou seja, a vulnerabilidade que o aflige profundamente iria arruiná-lo.

Matôzo, portanto se deixa levar pelo deslumbre de possuir controle sobre a situação, por estar antevendo-a, e não compreende que o oráculo tenta lhe mostrar a importância de “se curvar” para “penetrar”. De acordo com o I Ching, isso significa ter uma atitude de “subordinação” a uma boa conduta de disciplina (interior e exterior) aliada a um julgamento claro sobre a realidade. Enquanto que o “penetrar” é a clareza consequente do julgamento sábio, utilizado para dissipar más intenções veladas. Nesse Hexagrama o I Ching aponta qualidades a serem trabalhadas para que uma pessoa se torne uma personalidade singular e consiga dissipar intrigas que afastam os indivíduos de possíveis conflitos (WILHELM, 1956, p. 175).

Dessa forma, Matôzo mal interpreta o Oráculo e acaba por acreditar que tudo aquilo que ele tem dificuldade de lidar em sua realidade poderá não o prejudicar caso ele continue mantendo sua postura negligente com o que lhe acontece e com o que ele faz.

[...] graças à revelação do Oráculo, nada mais teria efeito contra ele. Ele era a suavidade do vento. Permanecer oculto, sussurrante. *A minha força está neles – é entre eles que eu passo suavemente, com a grandeza tranqüila da minha voz interior. Não o confronto: a suavidade.*

Voltou à escrivania, esquecido do ponto ótimo – já estava nele! – e folheou, página a página, a sua obra manuscrita. (TEZZA, 1991, p. 20 e 21).

Então, Matôzo se apega fortemente a essa interpretação e leva seus planos em frente. Considerando que se mudar sua postura trará o conflito previsto pelo Oráculo, sendo que é o contrário. É necessário que ele mude sua conduta para conseguir lidar com os conflitos que, pelo que sua narrativa sinaliza, parecem difíceis de esquivar. Uma vez que, como profissional Matôzo não procura se aprimorar e pessoalmente não se abre para viver trocas afetivas com quem convive e, para complicar mais a situação, coloca toda sua expectativa de resolução de tais dificuldades na publicação de seu romance. Acreditando que será um escritor renomado de forma que não precisará morar naquela cidade e muito menos continuar trabalhando como professor. Em outras palavras, Matôzo reforça sua fé num caminho de facilidades que enxerga o conflito como a causa de futuros problemas, sendo que o confronto com suas próprias ideias sobre como conseguir o que almeja parece ser

uma das soluções possíveis para ele se realizar profissionalmente e pessoalmente.

Em uma cena, Matozo está num bar e surge uma discussão sobre o preço da cerveja cobrado no estabelecimento e ele se mostra compreensivo com o dono do bar, o Gordo, que é um grande amigo seu. Consequentemente, Gordo abre espaço para uma conversa franca para que eles falem sobre a vida e a situação de Matozo. Com isso é mostrado como Matozo age displicente consigo mesmo de maneira geral:

Matozo ergueu o queixo lentamente, sentindo rasgar o nervo, e fez expressão severa – uma expressão, aliás, completamente inadequada à voz:  
– É foda.

O Gordo suspirou, satisfeito com a solidariedade. Observem agora esse breve silêncio, em que cada um deles pensa no próximo assunto. É visível a afeição que Gordo sente pelo professor, uma afeição, por assim dizer, gratuita e mesmo sem retorno. O Gordo quer, de alguma modo, *ajudar*, Matozo, como se a simples intenção lhe desse algum poder sobre aquela inexplicável figura que prefere o boteco dos vagabundo a conviver com seus pares – todos pobres, é verdade, mas de algum prestígio. Bem, não havia muito a fazer além dos tapas nas costas, das gargalhadas e do jogo de general, porque o professor, ano a ano, afunilava-se mais e mais no silêncio, na miséria e no secreto escárnio. Mas não custava nada aconselhar. Mais ou menos assim:

- Falando sério, Matozo!

Essa era a senha. Nesses momentos, não olhava para Matozo, mas para o meio da rua, balançando a cabeça no esforço envergonhado de não parecer ridículo ao tatear uma esfera mais sábia de preocupações, ele mesmo arriscaria dizer *filosófica*, uma esfera que tinha

algum parentesco com discursos no Rotary, missa de sétimo dia, casamento de um filho, em que brotava uma emoção honesta e sincera, ainda que fugaz e intraduzível – se verbalizada, fatalmente se reduzia a um doloroso clichê:

- Você é sozinho no mundo e precisa se cuidar, Matozo. O futuro, é o que sempre digo, o futuro. Agora você está aí, com saúde, enchendo os cornos. E amanhã? Precisa fazer um pé-de-meia, pô. Você... bem, nem falo mais. Não sou padre para ficar dando conselho a marmanjo. Foda-se. (...)

- Vou embora daqui. – Quase disse *Passárgada*, mas mordeu a língua a tempo.

O Gordo irritou-se, enchendo outro copo:

- Pra onde? Você não tem onde cair morto!

A boca contorcida, a dor, o pescoço inchado?

- Pra Curitiba, São Paulo, sei lá.

Agora a gargalhada.

- Mas é um idiota! Tem que se foder mesmo! – Um argumento verdadeiro, cristalino, cabeça à frente, dedos convincentes em ramalhete, o óbvio mais absoluto: - Você não vê que o futuro está aqui? Isso aqui vai crescer, carradas de dinheiro! Compra um terreno aqui, outro ali, revende adiante... (TEZZA, 1991, p. 26 e 27).

A conversa continua apesar de Matozo se manter irredutível aos conselhos de alguém que demonstra afeto e cuidado com o professor. Entretanto, Gordo consegue que ele comece a participar do diálogo:

- Já começaram o general? Sacanagem! Era o Galo, que se espantou com Matozo:

- O que você tem no pescoço? Parece galinha tonta!

Um alívio mudar de assunto.

- Um torcicolo que...

- Torcicolo quase pegou eu hoje. Sabe quanto foi o saco de cimento?

Ele estava construindo. Matozo aproveitou e deixou o avanço sorrateiro até o balcão, onde pediu três aspirinas. [...] Bebeu outro copo d'água – a última aspirina entalava-se na garganta – e tentou controlar a vertigem inventando uma regra: todos os espaços têm um ponto ótimo, a arte é descobri-lo. *Suavemente*. Esse início perigoso de comoção era o álcool que detonava, ele sabia. Não se entregar, resistir sempre, preserva-se íntegro no casulo. *Suavemente* (TEZZA, 1991, p. 26 e 28).

Nesse fragmento, Matozo mostra que a maneira suave que apreendeu com o I Ching lhe parece uma forma de suavizar a realidade e não enfrentar as dificuldades que são necessárias encarar. Apesar de que como falado, ter suavidade denote outro sentido. Portanto, o professor, como esperado de um sujeito resistente às mudanças necessária para amadurecer como indivíduo, se mostra incapaz de perceber como oportuno o acesso a um texto de sabedoria profunda para compreender a si mesmo e a realidade a qual está inserida. Isso mostra que a sincronia, como um veículo de acesso a conteúdos que possibilitem autoconhecimento e autocompreensão, não pode ser despertada intencionalmente, ainda que exista maneira de possibilitar essa vivência, como os rituais.

Consequentemente, um fator importante deve ser considerado no processo de individuação: o nível de maturidade e desejo de se desenvolver que os sujeitos podem possuir. O que conecta com que Jung (2005) defende sobre o despertar consciente do processo de individuação. Todos os indivíduos se desenvolvem psico-

logicamente, porém há diferença entre o desenvolver consciente e inconsciente.

M. – L. von Franz no livro *O homem e seus símbolos* (2005), organizado por Jung, ao passo que o indivíduo se permite arriscar a se conhecer mais a fundo através do desenvolvimento mais amplo de sua visão de mundo que pode envolver a compreensão da sua realidade, de suas vontades etc., ele amplia e amadurece sua personalidade. Quando o processo se torna o inverso, então ocorre o que Jung chama de *desenvolvimento interrompido*. O indivíduo, ainda que possa retomar o encaminhamento progressivo do processo, inviabiliza por um tempo o seu crescimento individual.

Esse estado de *interrupção* pode converter-se caso:

[...] esse aspecto ativo e criador do núcleo psíquico só pode entrar em ação quando o ego se desembaraçar de todos os projetos determinados e ambiciosos em benefício de uma forma de existência mais profunda e fundamental. O Ego deve ser capaz de ouvir atentamente e entregar-se, sem qualquer outro propósito ou objetivo, ao impulso interior de crescimento. (...) Povos que vivem em culturas de raízes mais firmes do que a nossa encontram menos dificuldade em compreender que é necessário renunciar à atitude utilitária de planejamentos conscientes para poder dar lugar a um crescimento interior da nossa personalidade (JUNG et al, 2005, p. 214).

À vista disso, compreende-se o momento o qual Matozo vive em sua narrativa. Ele tem próximo de si ferramentas que podem o ajudar a dissolver os dilemas que o angustia. Embora, se torna momentaneamente incapaz por não querer se

abrir para novas possibilidades. Ele tem a seu favor textos que possuem uma sabedoria tradicional no método de autoconhecimento desenvolvido e utilizado há milênios, como também um amigo, o Gordo, que procura estratégias de persuadir Matozo a refletir sobre sua realidade e o que pode fazer para melhorá-la. Apesar disso, o professor se mantém resistente às novas tomadas de decisão e não se entrega ao desenvolvimento pessoal por não querer abrir mão das suas ideias do que seja uma pessoa feliz e bem sucedida.

Como aqui supracitado, o processo de individuação quando iniciado os motivos são variados posto que, assim como muitas temáticas do humano, não podem ser estrategicamente despertadas. Entretanto, há uma relativa recorrência nos possíveis despertares conscientes para esse processo:

[...] processo de individuação – isto é, a harmonização do consciente com o nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou *self* – em geral começa infligindo uma lesão à personalidade, acompanhada do conseqüente sofrimento. Esse choque inicial é uma espécie de “apelo”, apesar de nem sempre ser reconhecido como tal. Ao contrário, o ego sente-se tolhido nas suas vontades ou desejos e geralmente projeta essa frustração sobre qualquer objeto exterior. Ou seja, o ego passa a acusar Deus, a situação econômica, o chefe ou o cônjuge como responsáveis por essa frustração.

Algumas vezes tudo parece bem externamente, mas no seu íntimo, a pessoa está sofrendo de um tédio mortal que torna tudo vazio e sem sentido (JUNG, 2005, p. 218).

O reflexo desses sentimentos no interior de Matozo pode ser visto na inflexibilidade em

mudar de planos por acreditar que há apenas uma maneira de conseguir ser feliz e que essa forma parece não concatenar com sua realidade. E também nas dores pelo corpo, principalmente, nos ombros e pescoço que ora são mal tratados com bebida alcoólica ou aspirinas. As dores declaram o estado de tensão que o professor vive por sempre estar vigiando seus pensamentos e atitudes com a finalidade de não deixar a insegurança e a insatisfação virem à tona.

Entretanto, o processo de desenvolvimento da personalidade costuma ser desperto por uma situação que tire as vontades egoícas da centralidade psíquica para atentar o indivíduo para uma tarefa mais importante: individuação. No caso de Matozo, o que começa a tirar sua atenção das vontades egoícas é o momento em que a reportagem que ele dá para o *Jornal Sul* é veiculada pela cidade e todos os moradores não acreditam que o Matozo que eles conhecem não poderia agir daquela forma: soberbo e dissimulado.

Com isso ele rapidamente se organiza para viajar à Curitiba na tentativa de encontrar um emprego e por lá morar. Contudo, seu esforço é em vão, ele passa alguns dias na cidade, não encontra emprego. Como última tentativa de fazer valer sua estratégia emergencial de ir à Curitiba, Matozo procura a editora a qual publicou a *Suavidade do vento* e percebe que os profissionais que lá trabalham não prezam por qualidade. Aceitam publicações visando o lucro e que compõem uma equipe bastante desorganizada.

Nesse estante, o professor tem um estalo, uma epifania:

Matozo, em outra vertigem curta, viveu o clarão de Clarice: *A desistência é uma revelação*. Recuperou a energia:

- Pois era justamente sobre isso que eu queria falar.

Morais emudeceu, tentando adivinhar que espécie de fúria surgia diante dele. Matozo rezou: *Desisto e terei sido a pessoa humana*.

- Esse artigo me criou problemas que eu quero esclarecer. Agora.

Morais tentou:

- Como assim? Que tipo de problemas? Você é o ... como era mesmo o nome? Mattoso?

- Exatamente isto: *eu não sou Jordan Mattoso*. Meu nome – ele tirou do bolso a carteira de identidade – é Josilei Maria Matôzo, como você pode conferir aí (TEZZA, 1991, p.184).

Após essa tomada de sentido, Mattoso volta para sua cidade e reforça a história criada por ele para que a má impressão que toda a cidade teve sobre ele pudesse ser dissipada. Portanto, com essa reviravolta do professor Josilei Maria Matôzo, compreende-se que para o processo de individuação a sincronia e os rituais nem sempre podem funcionar como estratégias de direcionamento. Isso porque a maturidade afetiva é um fator influente no processo, assim pouco adiantaria lançar-se à procura de métodos e formas de descentralizar sujeitos focados em estados egoícos de desejo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, compreende-se que para o desenvolvimento da personalidade requer consciência da realidade e uma postura pautada não exclusivamente nas conquistas externas. Para que assim, os indivíduos constatem o que suas impressões constatarem de errado em si mesmos e em suas atitudes. O caminho de se autoconhecer demanda não somente ganhar, não somente perder. E para Mattoso, todas essas

ferramentas não contribuem efetivamente, já que ele parece ter uma grande dificuldade de lidar com o meio a sua volta, principalmente com as pessoas com quem convive. Por isso, vê-se que ele investiu tantos anos e energia na produção de um livro como mecanismo de defesa para lidar com aqueles ao seu redor. E as situações com o I Ching desnudam formas de tentar lidar com isso, ainda que Mattoso novamente tenha salientado uma incapacidade em lidar/interpretar o que está a sua volta ou, nesse caso, o que está literalmente as suas mãos: os resultados das consultas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, C. A. de. A procura do conceito de religio: entre o relegere e o religare. **Revista Religare**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 90-96, mar. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/9773/5351>>. Acesso em: 14 de nov. 2015.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Luiza Appy, Dora

Mariana R. Ferreira da Silva. **Obras Completas**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da personalidade**. Tradução: Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos**. Tradução: Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Símbolos de transformação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 1991.

TEZZA, C. **A suavidade do vento**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Professor**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

WILHELM, R. **I Ching**. Tradução: Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa Pinto. São Paulo: Pensamento. 1956.